

Sistema educacional de ESTADO DE SÃO PAULO } F- educação Brasília também em crise

BRASÍLIA 27 JUL 1986
AGÊNCIA ESTADO

O sistema educacional do Distrito Federal, planejado para ser modelo nacional, chega ao final do primeiro semestre letivo sem professores em algumas escolas, falta de material de limpeza em outras e com um número de matrículas decrescente. Em 1984, a rede oficial abrigava 348,7 mil alunos, e, hoje, comporta 346,6 mil. Apesar das deficiências, o secretário de Educação, Fábio Bruno, tem justificativas: herdou um patrimônio depredado, sob um sistema autoritário e amplamente centralizador. Segundo ele, que se mostra irritado com a falta de professores, por exemplo, a responsabilidade é da Fundação Educacional.

O diretor executivo da Fundação, José Quintas, admite as falhas e lamenta que a instituição tenha-se impregnado durante os anos de autoritarismo de um "burocratismo". "Ela se hipertrofiou. Esperamos que a Secretaria da Administração coloque a Fundação como prioridade na sua reforma administrativa do DF", afirmou.

Apesar das dificuldades, tanto o secretário quanto o diretor da fundação estão fazendo um esforço para democratizar a educação no Distrito Federal. Os diretores das escolas e dos complexos escolares, por exemplo, foram escolhidos por voto direto da comunidade escolar. E há tentativas de se reforçar os currículos em

disciplinas como Física, Química e Biologia, para preparar melhor os alunos da rede pública para o vestibular.

Mas entre professores e alunos há certa desconfiança. A credibilidade do secretário de Educação está em baixa: na última greve de professores, ele pediu — através de rádios e TVs locais — que os alunos voltassem às aulas e que os pais substituíssem os professores. A categoria não esperava esse procedimento de um ex-líder sindical perseguido no período autoritário.

A crítica da maioria dos professores e dirigentes de complexos educacionais relaciona-se à falta de planejamento e de visão global da educação no DF. Segundo a nova presidenta do Sindicato dos Professores, Lúcia Helena de Carvalho, a categoria vai elaborar uma proposta educacional, que abrangerá desde o planejamento do número de alunos por sala, até a linha pedagógica e a cobrança de sua implementação, "independente de quem estiver na Secretaria de Educação".

Segundo Lúcia, "é pública a situação lastimável da educação no DF e vamos lutar para que sejam dadas melhores condições de trabalho, para que o professor possa cumprir seu papel de educador". O sindicato quer saber, por exemplo, por que há desigualdades dentro da Fundação Educacional, que se refletem até em merendas diferenciadas para as escolas.